

## **AIDS EM MANCHETE: AS CARTAS DOS LEITORES DA REVISTA MANCHETE SOBRE A EPIDEMIA DE AIDS (1985-1990)**

Frederico Renan Hilgenberg Gomes<sup>1</sup>

Georgiane Garabely Heil Vázquez<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo problematizou, a partir de uma perspectiva histórica, como a epidemia de Aids foi apresentada na revista *Manchete* durante os anos de 1985 a 1990. Para tanto, foram utilizadas como documentação de análise as cartas de leitores enviadas para a revista durante o período, totalizando 47 ocorrências de cartas com a temática HIV/Aids. A metodologia utilizada foi de análise de discurso, tendo como foco os debates de Fausto Neto (1991) sobre olímpianos. O objetivo central foi verificar como os leitores da *Manchete* interagiram com tal temática por meio da revista e quais foram os subtemas gerados a partir das reportagens sobre Aids publicadas no periódico. Percebeu-se uma maior participação no envio de cartas realizadas por leitores da região Sudeste do país. As temáticas das cartas enviadas foram variadas ao longo do recorte temporal, sendo as principais abordadas neste texto.

**Palavras-Chave:** Aids; Revista *Manchete*; Cartas dos Leitores; Olímpianos.

## **AIDS IN THE HEADLINES: THE LETTERS FROM THE READERS OF MANCHETE MAGAZINE ABOUT THE AIDS EPIDEMIC (1985-1990)**

**Abstract:** This paper has problematized, from a historical perspective, how the AIDS epidemic was presented in *Manchete* magazine during the years 1985 to 1990. To do so, letters from readers sent to the magazine during the period were used as documentation for analysis, totaling 47 occurrences of letters with the HIV/AIDS theme. The methodology used was discourse analysis focusing on Fausto Neto's (1991) discussions about Olympians. The main objective was to verify how the readers of *Manchete* interacted with such theme through the magazine and the sub-themes generated from the articles on Aids published in the periodical. It was noticed a higher participation of readers from the Southeast region of the country and the themes of the letters sent were varied throughout the time period, being the main ones discussed in this text.

**Keywords:** Aids; *Manchete* magazine; Letters from Readers; Olympians.

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Contato: frhg.fred@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em História. Professora na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Contato: profgeorgiane@hotmail.com.

## Introdução

A seção de carta dos leitores de um periódico é um dos pontos mais interessantes desse veículo de imprensa, pois é nesse ponto que o público leitor, de alguma forma, aparece dando sua opinião sobre temas tratados dentro da publicação. Pensando nesse sentido, o presente artigo buscou analisar o que motivava os leitores da revista *Manchete* a escreverem sobre a Aids para o semanário na segunda metade da década de 1980.

A *Manchete*, como um dos principais veículos de imprensa da segunda metade do século XX, desempenhou um papel preponderante na difusão de informações sobre a epidemia de Aids, e, quase como consequência, seus leitores também produziram sentidos sobre essa “nova doença”. O material aqui analisado foram as cartas dos leitores do segundo quinquênio da década de 1980, período que começaram a ser veiculadas missivas sobre a síndrome no semanário.

O principal conceito aqui trabalhado foi o de olimpianos proposto por Edgar Morin (1997 *apud* BITTENCOUT NETO e PERSICHETTI, 2010), porém o teórico que mais foi utilizado foi Antônio Fausto Neto (1991), pois ele tem uma ampla produção relacionando o conceito de olimpianos e a epidemia de Aids. A utilização desse conceito se deu devido ao próprio levantamento das cartas dos leitores, uma vez que a vida de famosos foi a principal temática abordada por quem escreveu sobre a epidemia para a *Manchete*.

## As primeiras notícias sobre a Aids

No dia 5 de junho de 1981 foi publicado um artigo no *Morbidity and Mortality Weekly Report*<sup>3</sup> (MMWR), nos Estados Unidos da América (EUA), que relatava o fato de cinco jovens, sem relações entre si, moradores de *Los Angeles*, homossexuais e sem histórico prévio de imunodeficiência, apresentarem infecção pulmonar por *Pneumocystis carinii* (PPC), infecção que só seria possível devido à baixa imunidade. Outras doenças oportunistas também foram identi-

<sup>3</sup> Tradução nossa: Relatório Semanal de Morbidade e Mortalidade. Boletim epidemiológico dos EUA, editado pelo Centro de Controle de Doenças e Prevenção — *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC).

ficadas, como candidíase oral e citomegalovírus (CMV). Era o primeiro registro científico oficial da Aids na história (NASCIMENTO D., 2005, p. 81; LAURINDO-TEODORESCU e TEIXEIRA, 2015).

Atualmente, é de conhecimento da comunidade científica que a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, a Aids, é causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e que suas vias de transmissão são a sexual, sanguínea e vertical (VÁZQUEZ e GOMES, 2021). Porém, no início dos anos 1980, não se sabia a causa da “nova doença” nem como se dava a sua transmissão, mas, o que era reiterado, é que acometia “pessoas estranhas”, ou seja, pessoas que fugiam do padrão heteronormativo de sexualidade, trabalhadores do sexo e usuários de drogas injetáveis (UDI) (SONTAG, 1989; NASCIMENTO D., 2005, p. 82).

Contudo, não foi somente o campo médico-científico que produziu sentidos e tentou explicar a Aids. A imprensa teve um papel preponderante numa construção social da síndrome, pois foi o meio pelo qual grande parte da população se informava sobre a nova epidemia (NASCIMENTO D., 2005; DIAS, 2012). A primeira notícia na imprensa brasileira sobre a síndrome data de 5 de julho de 1981, realizada pelo *Jornal do Brasil*, ainda sobre o desenrolar da nova enfermidade nos Estados Unidos (NASCIMENTO D., 2005; LAURINDO-TEODORESCU e TEIXEIRA, 2015). “Portanto, além de fenômeno biológico que atinge os corpos físicos, a Aids é um fenômeno discursivo que vai se disseminando pelas páginas das revistas, submetida a estratégias enunciativas específicas que a semantizam” (CASTRO, 2005, p. 3).

A revista *Manchete* foi uma das principais publicações da Bloch Editores (1952-2000). Idealizada por Adolph Bloch (1908-1995) e lançada no mercado editorial em 1952, era um semanário de variedades, falando da intimidade das celebridades até os complexos jogos de poder. A revista esteve presente na história brasileira durante toda a segunda metade do século XX (NASCIMENTO G., 2020), e com a Aids não seria diferente.

A revista *Manchete* tinha como um dos principais focos abordar a vida de celebridades, tanto que um padrão de suas matérias de capas era estampar figuras como a apresentadora Xuxa, a princesa Diana, o fute-

bolista Pelé, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, entre outros (GONÇALVES e MUGGIATI, 2008; GOMES e VÁZQUEZ, 2022). Tanto Morin (1997 *apud* BITTENCOUT NETO e PERSICHETTI, 2010) como Fausto Neto (1991) definiram essas pessoas, que ganham destaque no meio midiático, como olímpianos.

Os olímpianos são figuras criadas e transformadas em “heróis” e “mitos” pela cultura de massa, são rostos conhecidos do cinema, da música, da literatura, da política e, no Brasil, especialmente, da televisão (FAUSTO NETO, 1991; BITTENCOUT NETO e PERSICHETTI 2010; ALVES, 2016; GOMES e VÁZQUEZ, 2022). “Conjugando a vida quotidiana e a vida olímpiana, os olímpianos se tornam modelos de cultura no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos. Encarnam os mitos de autorrealização da vida privada” (MORIN, 1997, p. 107 *apud* BITTENCOUT NETO e PERSICHETTI, 2010, p. 106).

Ao mesmo tempo que essas pessoas são alçadas quase ao nível de divindades contemporâneas, elas têm suas vidas privadas atravessadas por essa mesma mídia. A privacidade dos olímpianos está em constante vigilância e escrutínio da imprensa. Os olímpianos são “(...) seres cuja vida privada é de certo modo pública, cuja vida pública de certo modo é publicizada, cuja vida real de certo modo é mítica” (RODRIGUES *apud* FAUSTO NETO, 1991, p. 15-16). Isso ocorre porque essas celebridades não representam mais apenas a si mesmas, mas sim ideias, como, por exemplo, os ideais de feminilidade e masculinidade.

As vidas dessas celebridades são encaradas, então, como mais uma mercadoria, e os meios de comunicação utilizam-se delas para alavancar suas vendas. Nesse sentido, as informações sobre esses olímpianos antigamente passavam pelo filtro familiar para resguardar alguma discrição ou conforto, porém, na contemporaneidade, não há mais esses limites e se busca a espetacularização através da força do drama e da tragédia (FAUSTO NETO, 1991). Dessa forma, as histórias de celebridades soropositivas na década de 1980 era um chamariz para a mídia e o público leitor.

A primeira vez que a epidemia apareceu nas páginas da *Manchete* foi na edição 1.551, de 9 de janeiro de 1982, com a tradução de uma reportagem da revista *Time*, “A misteriosa doença dos homossexuais” (VÁZQUEZ

e GOMES, 2021). Já a primeira vez que o semanário veiculou uma matéria sobre um caso de Aids em um brasileiro foi em 18 de junho de 1983, edição 1.626, assinada por Hélio Carneiro, que tratava sobre a morte de Marcos Vinícius Resende Gonçalves, “A morte prematura de Markito”. Contudo, a primeira carta do leitor versando sobre a Aids só foi localizada em 1985, mais especificamente na edição 1.736, de 27 de julho. Nela, a leitora parabeniza a revista pela cobertura da epidemia (ALVES, 1985, p. 31). Ao todo, de acordo com o atual levantamento, na década de 1980, foram veiculados 253 textos sobre a epidemia na revista, dentre notícias, reportagens, artigos de opinião, entre outros. Além disso, a revista contou com 47 cartas dos leitores.

### **O Leitor em Manchete**

Sérgio Roberto Costa (2014, p. 61), no *Dicionário de gêneros textuais*, definiu a carta do leitor como uma variação do gênero Carta, porém a do leitor é “geralmente de opinião (argumentativa), circula em jornais e revistas, já que o leitor a envia para manifestar seu ponto de vista sobre matérias que leu”. A carta do leitor, então, pode ser enquadrada como parte do jornalismo opinativo, uma vez que esse gênero textual se baseia na opinião de agrado, desagrado, sugestivo, ou concordância do autor sobre determinado tema (MEDEIROS, 2009; NUNES, 2017; GUARALDO, 2020).

Os nomes podem ser os mais variados: “carta do leitor”, “painel do leitor”, “espaço do leitor”, entre outros. A *Manchete*, em suas quase cinco décadas, nomeou a seção com seis nomenclaturas diferentes: *Manchete Responde* nas primeiras edições, mas logo mudou para *O Leitor em Manchete*, variando sem o artigo na frente. Esta última forma vai ficar vigente até metade dos anos 1990, quando mudou para *Linha Direta*. Também foi a partir da década de 1990 que a revista passou a contar com uma subseção apenas para os textos que chegavam de forma *on-line*, intitulada *Manchete na Internet* e, por fim, o derradeiro nome, *Sr. Editor*.

Lygia Trouche (2010) pontuou que as cartas dos leitores se caracterizam pelo estilo de comunicação “*in absentia*”, geralmente em parágrafos delimitados e tendo seu conteúdo interagindo de alguma forma com o veículo

de comunicação. As cartas da seção *Leitor em Manchete* eram organizadas em uma única página da revista, às vezes dividindo o espaço com alguma publicidade. Assim, elas eram precedidas por um enunciado indicando qual seria a temática. As cartas, em si, contavam com, em média, 5 a 15 linhas, e logo após o texto eram apresentados a autoria, a cidade e o estado de quem escreveu.

A seção de cartas dos leitores de um veículo de imprensa é um ponto importante e interessante de ser analisado, pois é nessa parte que o leitor sai da figura passiva, de receptor, e passa para uma postura ativa, em que coloca a sua opinião sobre determinado tema. Não que a opinião dos leitores não pudesse aparecer em outros espaços da revista, como as enquetes, por exemplo, mas é na seção das cartas que essa voz consegue ser "ouvida mais alta". Essa seção vai contar com um número grande de pessoas escrevendo para redação, de todos os lugares do país, idades e gêneros (FAUSTO NETO, 1999; NUNES, 2017).

Como lembra Eni Orlandi (2000), nenhum discurso existe em si mesmo, pois ele é tocado por outros e influencia outros tantos. Essa noção da intertextualidade é importante para a análise das cartas dos leitores, uma vez que é uma das características desse gênero textual. As cartas dos leitores são, essencialmente, intertextuais, pois, de um ponto de vista mais prático, elas fazem referência a matérias, reportagens, entrevistas, enfim, textos da própria publicação, mas também porque os leitores se informam para além daquele veículo de informação. Dessa forma, eles trazem em seus discursos suas crenças, ideologias e preconceitos (GUARALDO, 2013; 2020).

Ao analisar as cartas, é preciso lembrar que elas passaram por uma triagem até chegarem na edição das bancas. Em uma redação são recebidas inúmeras cartas (ou, atualmente, *e-mails*), porém nem todas elas são publicadas, pois é preciso manter em seguimento a linha editorial do periódico, e uma vez escolhida essa carta, ela passa também por uma edição, principalmente em relação à norma culta, ou cortes de algumas partes (JESUS, 2009; GUARALDO, 2013; COSTA, 2014). Dessa forma, o leitor "interfere" de forma casual na publicação, uma concessão do periódico, em um espaço pequeno e restrito.

Para efeitos comparativos, na edição de 1.736, a primeira a veicular uma carta do leitor sobre a Aids, a seção das cartas dos leitores ocupava metade de uma página, dividindo o espaço com uma publicidade da própria *Manchete*, ocupando menos de 1% do total das 124 páginas do número em questão. No entanto, essa mesma edição contava com 25 páginas de publicidade, perfazendo algo em torno de 20% do total da revista.

Mas mesmo passando por todo esse processo de triagem e edição, as cartas dos leitores são elementos muito “reveladores” da cultura de um povo em um determinado espaço-tempo, revelando-se, assim, uma excepcional fonte para o trabalho de historiadores da saúde, uma vez que as inúmeras cartas vão revelar temas que afligiam as populações, bem como os grandes debates de um tempo (TROUCHE, 2010). É por essa característica polifônica que as cartas dos leitores da *Manchete* foram escolhidas. Com esse material em mãos, tornou-se possível entender como a imprensa, esse grande palco em que discursos disputam e performam seus ideais, mediu esse debate sobre a epidemia de Aids e quais eram os temas que as pessoas mais se preocupavam.

## Metodologia

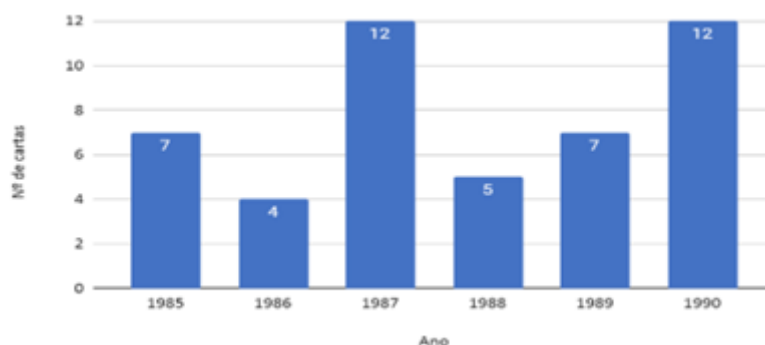
Para a seleção das cartas dos leitores da *Manchete* durante os anos de 1985 a 1990, que versaram sobre a Aids, foi utilizado o acervo digital disponível pela Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), e, dentro da HDB, foi utilizado o próprio sistema de busca de termos. Os termos pesquisados foram: “AIDS” e “HIV”.

Em seguida, foi realizada a leitura de todo o material da revista que apresentou correspondência aos termos pesquisados. Ao todo, durante o período de 1982 a 1990, foram levantados 253 textos que faziam referência à Aids, para além das cartas dos leitores, que, sozinhas, contabilizaram 47 ocorrências. Após a identificação dessas cartas, elas foram transcritas para auxiliar na catalogação e análise.

Tanto os textos em geral quanto as cartas foram organizados em tabelas. A tabela referente às cartas contou com os campos: “edição”, “ano”, “identificação”, “tema”, “autor(a)”, “gênero” e “local”. Com os dados da ta-



bela, foi possível verificar a localidade e o gênero da maior parte de quem escrevia para a *Manchete*. Dessa forma, vislumbrou-se quem eram as pessoas que liam e se interessavam pela Aids na revista. Em relação ao recorte temporal da pesquisa, os anos de 1987 e 1990 contaram com as maiores ocorrências, 12 cada ano, e o ano de 1986 com o menor número, quatro no total, como pode ser visualizado no Gráfico 1:



**Gráfico 1** – Número de cartas dos leitores da revista *Manchete* sobre a epidemia de Aids distribuídos durante os anos de 1985 a 1990.

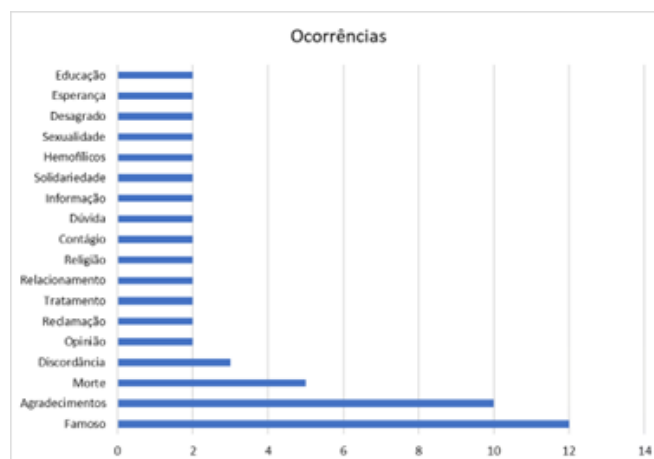
**Fonte:** Os autores.

Para o escopo deste artigo foram consideradas apenas as cartas dos leitores da *Manchete* da segunda metade da década de 1980, pois o principal objetivo é verificar como ocorreu a recepção da cobertura da epidemia de Aids da/na revista e entender como funcionava a relação dos leitores com a publicação naquele momento histórico de início da descoberta da Aids. Sendo assim, as cartas dos leitores são excelentes para perceber isso, pois são escritas por diversas pessoas do país inteiro. Também buscou-se perceber a polifonia, ou não, de discursos presentes nessas cartas, a fim de reconstruir, ao menos parcialmente, aquilo que foi narrado como epidemia de Aids nos anos 1980.

As temáticas estabelecidas para as cartas foram criadas pelos autores após a leitura delas, o que permitiu criar relações para a análise do conteúdo, comparando-as entre si. Ao todo, foram levantados 24 temas<sup>4</sup>, sendo que Famoso (12), Agradecimentos (10) e Morte (5) tiveram os maiores números de ocorrências, como evidencia o Gráfico 2:

<sup>4</sup> No Gráfico 2 só foram representadas as temáticas que possuíam mais de uma ocorrência para melhor visualização, as que ficaram de fora são: Doença, Vírus, Comentário, Comportamento, Premiação e Infância.





**Gráfico 2** – Distribuição das cartas de leitores em relação às temáticas levantadas

**Fonte:** Os autores.

Nesse sentido, o enfoque da análise do artigo recaiu nas três maiores ocorrências, pois, juntas, representam as maiores temáticas sobre a Aids na *Manchete*. Um ponto importante é que, na categorização, uma mesma carta poderia se referir a mais de uma temática, como morte e famoso, por isso, esse texto foi categorizado com as duas temáticas.

### A Aids em Manchete

Realizado o levantamento, foi possível notar alguns elementos interessantes. O primeiro deles foi a identificação do porquê das cartas sobre a Aids só começarem a ter ocorrências em 1985, sendo que as reportagens da *Manchete* já falavam sobre a epidemia desde 1982. Essa maior incidência de textos sobre a Aids a partir de 1985 não ocorre apenas na seção de cartas, mas na revista como um todo. Foi a partir desse ano que ocorreu um aumento de casos de Aids pelo país. Consequentemente, um número maior de matérias, reportagens, dossiês etc. sobre a epidemia foi produzido pela imprensa, especialmente na *Manchete*.

Além da própria revista ter abordado mais essa temática em suas páginas, foi em 1985 que pessoas muito conhecidas pelo grande público, principalmente do meio artístico, começaram a relatar sua condição de portadores do HIV, sendo que um dos casos mais emblemático foi do ator hollywoodiano Rock Hudson (1925-1985) (VÁZQUEZ e GOMES, 2021). Um terceiro ponto que pode ser posto para entender a relevância do ano de 1985 é trazido por Érica Lima (2021). Segundo a autora, nesse ano ficou mais evidente, ganhando di-

mensões nacionais, o trabalho da sociedade civil de informação e prevenção sobre a Aids, o que acabou tornando cada vez mais difícil ignorar essa questão de saúde pública.

Retornando ao levantamento, foi possível verificar outras questões, como: quem era o público da *Manchete*? Por ser uma revista de variedades, seu público leitor também era bem diverso, mas, ainda assim, havia a predominância de um tipo de leitor. Por isso, verificaremos como ocorria a distribuição desses leitores geograficamente.



**Gráfico 3** – Distribuição de cartas dos leitores sobre Aids por Unidade da Federação e regiões entre os anos de 1985-1990.

**Fonte:** Os autores.

No Gráfico 3 é possível verificar, no eixo X, as unidades da federação, agrupadas por região, que tiveram pessoas escrevendo sobre a Aids para a *Manchete*; e no eixo Y, é possível verificar quantas cartas vieram de cada estado. Durante esse recorte temporal somente vamos ter um registro de uma carta de fora do país, onde um angolano questionou qual seria a relação entre a Aids e o Carnaval brasileiro (PIMENTEL, 1987, p. 34). Em relação às regiões, é possível verificar que a região Sudeste conta com um grande número de participação, sendo São Paulo e Rio de Janeiro os estados com mais cartas enviadas, 15 e 9 cartas respectivamente. A região Sul aparece em segunda colocação, seguida do Nordeste, Centro-Oeste e uma única carta da região Norte do país.

Essa discrepância entre a região Sudeste e o resto do país pode ser entendida por três motivos: 1. a sede da *Manchete* era no Rio de Janeiro e, com isso, situações envolvendo o eixo Rio-São Paulo ganhavam maior destaque; 2. a importância econômica e cultural que ambos os estados desem-

penham no país; e 3. São Paulo foi o primeiro estado brasileiro a registrar casos de Aids, sendo responsável pela maioria dos casos até a virada da década. Porém essa diferença de número de leitores não se restringe somente às regiões, como pode ser visto no Gráfico 4:



**Gráfico 4** – Proporção de cartas escritas por homens e mulheres sobre Aids na *Manchete* entre os anos 1985-1990.

**Fonte:** Os autores.

Nesse gráfico é possível verificar que a maioria das pessoas que escreveram para *Manchete*, ao menos sobre a epidemia de Aids na segunda metade da década de 1980, era composta de homens. Ao todo, eles escreveram 31 cartas, contra 16 das mulheres. Com esse recorte não é possível definir com precisão o público leitor da revista, contudo, é bem sintomático que a maior parte das pessoas que escreveu para revista fosse de homens dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Tendo definido quem escrevia para a *Manchete* sobre a Aids, agora faz-se necessário compreender o que era abordado nessas cartas. No Gráfico 2, é possível visualizar que a principal temática relacionada à epidemia eram os famosos, tanto soropositivos, como os que atuavam de alguma forma na prevenção da enfermidade.

Os dois principais nomes que os leitores se referiam diretamente sobre as suas soropositividades e que foram capa da *Manchete* foi o ator estadunidense Rock Hudson (1925-1985) e o cantor brasileiro Cazuza (1958-1990). Ambos tiveram suas condições sorológicas estampadas em edições da revista duas vezes: Rock nos números 1.738, de 10 de agosto de 1985, e 1.748, de 19 de outubro do mesmo ano; e Cazuza nas publicações 1.934, de 13 de maio de 1989, e 1.996, de 21 de julho de 1990.

Rock era considerado o símbolo da heterossexualidade e do que deveria ser o homem estadunidense, porém, na metade da década de 1980, tornara-se de conhecimento da população em geral que Hudson estava com Aids e, quase como consequência, mais tarde foi revelada também a sua homossexualidade, características que não condiziam com o ideal construído em torno do ator. A real identidade do ator foi desvelada posteriormente pela mesma mídia que o construiu e o colocou no lugar de olimpiano.

Fausto Neto (1991), fazendo referência a Edgar Morin, também evidencia que uma característica desses olímpianos é que eles acabam se tornando mercadorias e isso abrangeria todos os aspectos das vidas desses *stars*: “'nenhum centímetro do seu corpo, nenhuma fibra de sua alma, nenhuma lembrança da sua vida que não possa ser jetada sobre o mercado', lembra Morin, é descartada, ao que acrescentaríamos também, a sua morte.” (FAUSTO NETO, 1991, p. 47). Tanto que a *Manchete* fez uma vasta cobertura sobre a morte desses dois olímpianos em questão e os leitores reagiram a isso.

O ator americano foi a primeira pessoa famosa de grande destaque dos EUA que faleceu em decorrência das complicações da Aids, o que acabou gerando muitos debates da parte artística e na mídia. Contudo, sobre ele, apenas uma carta do leitor escrita em relação à edição 1.748 abordou sua morte:

I. Não foi só Elizabeth Taylor que ficou triste com a morte de seu amigo. Nós todos, fãs de Rock Hudson, também vamos sentir muito a sua falta. Os cientistas precisam fazer logo alguma coisa para acabar com a AIDS, esta doença infame poderá causar outras mortes entre artistas de que tanto gostamos (PROENÇA e FONTOURA, 1985, p. 35).

Nessa carta é possível verificar que, além de Rock Hudson, a autora se refere à outra olímpiana, Elizabeth Taylor, amiga e colega de trabalho do ator. Assim como a atriz, a leitora se emocionou devido à morte de Hudson. Justamente pela cobertura da imprensa sobre a vida dessas celebridades há um laço de identificação que os leitores acabam criando com essas estrelas. Nesse sentido, a leitora ainda utiliza o espaço da carta para pedir que os cientistas se apressem em achar uma cura, antes que outros famosos partissem devido à Aids.

Cazuza, no entanto, contou com um número maior de cartas, cinco no total, três comentando sobre a edição de 1989 e outras duas em relação ao número que tratou sobre a sua morte em 1990. As primeiras foram veiculadas na publicação seguinte, 1.935, aquela que abordou sobre a resposta do cantor à matéria da revista *Veja*<sup>5</sup> (GOMES e VÁZQUEZ, 2022).

II. A AIDS é um problema que interessa a toda humanidade. Os portadores do vírus devem ser tratados com respeito. Parabenizo a MANCHETE pela dignidade com que deu voz e vez ao nosso querido Cazuza. A sua luta tenaz pela vida é um exemplo para todos (VIEIRA, 1989, p. 96).

III. O poeta Cazuza nos dá uma injeção de esperança a cada vez que aparece nos jornais, nas revistas e na televisão. MANCHETE, em seu número 1.934, ao mostrar o Cazuza em família, recebendo o extraordinário apoio dos seus pais, prestou um serviço a centenas de famílias brasileiras que vivem o mesmo drama. Fora da solidariedade, não há salvação (PINGITTORE, 1989, p. 96).

IV. Só tenho duas palavras para me referir à edição passada de MANCHETE e para agradecer o momento de reflexão que vocês me proporcionaram: Cazuza me comoveu (RENNER, 1989, p. 96).

A relação de proximidade entre o público, pessoas comuns, e os famosos, olímpianos, também é refletida nessas cartas: “nosso querido Cazuza”, “Cazuza nos dá uma injeção de esperança” e “Cazuza me comoveu”. Dessa forma, também fica evidente uma característica do gênero carta do leitor, a agência dos leitores, uma vez que eles se colocam em primeira pessoa nos seus textos e usam aspectos emocionais para balizarem os seus argumentos. O cantor veio a falecer em 7 de junho de 1990 em decorrência da Aids, e a edição 1.996 da *Manchete*, que fez a cobertura sobre a sua morte, contou com duas cartas dos leitores na edição 1.999 de 11 de agosto de 1990:

V. Com a morte de Cazuza encerrou-se um admirável ciclo de reportagens de MANCHETE sobre o compositor genial da MPB, vitimado pela AIDS. Foram diversas matérias enquanto ele padecia da doença e a reportagem final após sua morte. A palavra amiga redigida pela jornalista e amiga Ana Gaio, nesta edição, foi comovente. Exageros à parte, não há como negar que Cazuza foi um cometa

<sup>5</sup> A edição da *Veja* em questão é a 1.077, de 26 de abril de 1989, em que Cazuza estampou e foi veiculada com a manchete: CAZUZA Uma vítima da Aids agoniza em praça pública.

que passou em nossas vidas (PACHECO, 1990, p. 67).

VI. Não há dúvida que Cazuza foi um gênio musical, verdadeiro poeta maior de nossa MPB. Mas discordo da idolatria excessiva que fizeram em torno dele (RAMOS, 1990, p. 67).

Dois pontos importante de destacar aqui é que, por mais que o semanário realizasse a seleção de cartas pensando em manter a sua linha editorial, isso não significa que todas as missivas concordavam entre si. Muitas vezes, havia mensagens que abordavam o mesmo tema, mas com perspectivas diferentes, como é o caso das cartas V e VI. O segundo ponto é como a leitora da carta VI percebe justamente o processo de transformar o famoso, no caso Cazuza, em um olimpiano realizado pela imprensa. Nesse caso, a autora não faz, necessariamente, uma crítica direta à reportagem da *Manchete*, pois ela se refere de forma geral à imprensa, e aqui fica evidente o componente intertextual da carta dos leitores para além da produção do periódico que ela foi veiculada.

Retomando o Gráfico 1, é possível visualizar que os anos de 1987 e 1990 tiveram mais cartas dos leitores, e isso pode ser explicado pois, a década de 1980, de acordo com o levantamento realizado, foi o período com maiores ocorrências em geral sobre a abordagem da *Manchete* sobre a Aids (VÁZQUEZ e GOMES, 2021).

Em 1987 foram publicadas 12 cartas relacionadas à epidemia e o conteúdo dessas missivas foi muito diverso, porém a maioria dos textos eram para agradecer à *Manchete* sobre as informações trazidas sobre a Aids, agradecimentos à revista eram uma temática recorrente no semanário, como fica evidente no Gráfico 2. Inclusive uma série de reportagens que vai ser muito elogiada pelos leitores é o dossiê intitulado *AIDS – A Tragédia no Brasil*, de autoria da jornalista Márcia Mello Penna. Com as fotos de Carlos Humberto TCD, essa série de reportagens recebeu o prêmio Abramge<sup>6</sup> de Jornalismo no ano seguinte (VÁZQUEZ e GOMES, 2021). Um exemplo dessas cartas pode ser visto a seguir:

VII. Excelente a série de reportagens que vocês estão publicando sob o título AIDS – A Tragédia no Brasil. O trabalho da repórter Márcia Mello Penna e do fotógrafo Carlos Humberto

<sup>6</sup> A sigla para Associação Brasileira de Medicina de Grupo atualmente faz referência à Associação Brasileira de Planos de Saúde.

TDC esclarece e mobiliza o nosso povo para a maior calamidade que poderia afetar a humanidade. E o tema é tratado com seriedade e sem apelos. Parabéns a revista e a sua equipe de reportagem. (COUTO, 1987, p. 91).

VIII. Na reportagem AIDS – A Tragédia no Brasil, diz-se que a Fiocruz é a única a realizar o teste Western Blot. Acho útil informar que os laboratórios Fleucy (SP), Weinmann (RS) e o Hemocentro daqui fazem o teste. (REIS, 1987, p. 34).

IX. Entre várias reportagens que venho acompanhando na MANCHETE, uma me chama a atenção: a AIDS. Apesar de ser um jovem de 23 anos, sinceramente, fiquei chocado com algumas fotos (como do cabeleireiro Edgard). Mas acredito que tudo deva ser mostrado e dito, para esclarecer melhor este povo tão desinformado e apegado a falsos moralismo e preconceitos sem sentido. Não é condenando a homossexualidade, a prostituição ou os infelizes viciados que vamos resolver o problema. A doença é um fato e como tal deve ser encarada. O problema pode ser resolvido, ou pelo amenizado, através de esclarecimentos à população, por meio da imprensa, como foi feito nesta revista. Quero parabenizar pela coragem e ousadia, o casal vinte da reportagem: a repórter Márcia Mello Penna e o fotógrafo Carlos Humberto. (COSTA, 1987, p. 35).

Essas cartas e o prêmio da Abramge servem para mostrar como a *Manchete* construía seu discurso baseado no discurso médico. Por fazer isso, inclusive, ela teve seu trabalho reconhecido não só por uma instituição da área, mas também pelos leitores, através das cartas. Sendo assim, fica evidente que um dos principais papéis da imprensa era cumprido pela revista, o de informar. A própria seção de carta dos leitores funcionava como uma forma de informar, pois, na carta VIII, a autora utilizou-se desse espaço para complementar uma informação trazida por uma matéria.

Já no ano de 1990, também com 12 ocorrências, a principal temática que figurou nas cartas dos leitores foi, além da vida de famosos, a morte. Aqui há uma convergência importante de ser apontada, que é em relação à morte de Cazusa, que ocorreu nesse mesmo ano. Além disso, foi nesse período que apareceram os textos em primeira pessoa dos leitores relatando sobre as consequências da Aids.

X. Meu irmão morreu de AIDS. Escrevo esta carta em homenagem a ele e a todos os que, por puro amor, se dedicam à busca de uma vacina contra esta peste mortal.



Quero homenagear, até o macaco apresentado na capa da MANCHETE nº 1982 como melhor amigo do homem. Tenho fé em que os sacrifícios serão recompensados, e que a tragédia da AIDS será vencida. (SILVA, 1990, p. 96).

XI. Como pai de um garoto hemofílico, que no mês passado morreu de AIDS, fiquei comovido com a reportagem AIDS, a vacina, na MANCHETE nº 1982. Claro, sei que a vacina está muito na área do sonho futurista, mas é maravilhoso o empenho dos pesquisadores, como se vê na capa e no texto interior da sua revista. Também fiquei comovidíssimo com o chimpanzé que inocentemente serve de cobaia, ajudando, quem sabe, a salvar muitas vidas. Este chimpanzé é um herói. (PERREIRA, 1990, p. 83).

XII. Recentemente, um meu parente aidético morreu, e desde então passei a me comover mais fortemente com o drama da AIDS. A matéria sobre os dez anos de luta contra a peste, na MANCHETE nº 1970, coloca muito bem o problema. Fico grato a tanta gente que luta para livrar a humanidade dessa desgraça. (PORFÍRIO, 1990, p. 82).

As três cartas partem do lugar do luto, pela perda de um parente, irmão ou filho. Todas elas, além da dor, estão carregadas pela esperança de que, no futuro, a humanidade venha superar a Aids. É importante salientar que em quase uma década de epidemia, essas vão ser as primeiras cartas dos leitores em primeira pessoa, porém não houve cartas escritas por pessoas assumidamente soropositivas ao longo deste recorte temporal. Já nas missivas X, XI e XII é possível novamente identificar que os autores se utilizavam de experiências pessoais para dar fundamento às suas argumentações.

### **Considerações Finais**

Não é novidade que as revistas, e os periódicos em geral, são uma excelente fonte para o trabalho de historiadores. Com esta pesquisa, queremos constatar a riqueza que o conjunto, em específico, das cartas dos leitores pode trazer para a pesquisa historiográfica. Revelando uma pluralidade de vozes e de discursos dentro do periódico que não é vista em nenhum outro espaço da publicação.

Com este artigo, conseguimos ter um vislumbre de quem era o público leitor da revista *Manchete*. Em relação à temática da Aids, tinha-se uma prevalência de homens e da região Sudeste e Sul do país escrevendo para o periódico. Além disso, a própria epidemia de Aids era um tema em disputa

pelos inúmeros discursos que se constituíam pela e na revista, uma vez que as pessoas conseguiam informações por outros meios e relacionavam com que a revista trazia, produzindo o seu próprio discurso (ORLANDI, 2000).

Contudo, constatou-se que a *Manchete* teve um importante papel no contexto da epidemia, funcionando como uma ponte entre o saber científico e a população em geral. Exemplo disso é a série de reportagens produzidas sobre a Aids pela revista e que foi premiada por uma instituição do campo médico. Essas reportagens também contaram com os agradecimentos dos leitores (cartas VII e IX).

Ainda, foi possível verificar que a seção *Leitor em Manchete* correspondia ao gênero jornalístico que pertencia. Na década de 1980, a maior parte de seu conteúdo abordava discussões sobre os olímpicos, um tema recorrente no semanário, e agradecimentos pelas matérias produzidas pelo periódico. No entanto, também abordava temas sensíveis, como a própria epidemia de Aids e as mortes relacionadas a ela.

### Fontes:

ALVES, Maria Márcia. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1985. Leitor em Manchete. p. 31. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/233062>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

COSTA, Marcelo E. Ainda sobre a AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 26 dez. 1987. Leitor em Manchete. p. 35. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/248391>>. Acesso em: 18 out. 2023.

COUTO, Maria Alice da Silva. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1987. Leitor em Manchete. p. 91. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/247619>>. Acesso em: 18 out. 2023.

PACHECO, Glauce de Assis. Cazuza poeta maior da MPB. *Manchete*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1990. Leitor em Manchete. p. 67. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263591>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PEREIRA, Assuero S. O Macaco Herói. *Manchete*, Rio de Janeiro, 26 maio 1990. Leitor em Manchete. p. 83. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/262323>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PINGITTORE, Maria Lúcia. O drama de Cazuza. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1989. Leitor em Manchete. p. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/256259>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PIMENTEL, Carlos Alberto. Benguela. *Manchete*, Rio de Janeiro, 31 out. 1987. Leitor em *Manchete*. p. 34. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/247446>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PORFÍRIO, Antônio. A Guerra da AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1990. Leitor em *Manchete*. p. 82. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263134>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PROENÇA, Isabel; FONTOURA, Carla. Rock Hudson. *Manchete*, Rio de Janeiro, 26 out. 1985. Leitor em *Manchete*. p. 35. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/234142>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RAMOS, Maria Alice Carvalho. Cazuzza poeta maior da MPB. *Manchete*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1990. Leitor em *Manchete*. p. 67. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263591>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

REIS, Myrian M. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1987. Leitor em *Manchete*. p. 34. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/248274>>. Acesso em: 18 out. 2023.

RENNER, Sônia L. O drama de Cazuzza. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1989. Leitor em *Manchete*. p. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/256259>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SILVA, Analice M. AIDS, a Esperança. *Manchete*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1990. Leitor em *Manchete*. p. 83. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/261859>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

VIEIRA, Aurélio M. O drama de Cazuzza. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1989. Leitor em *Manchete*. p. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/256259>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

## Referências

ALVES, F. A. O fotojornalismo e os olímpicos modernos: o caso de Costa e Silva na revista *Manchete* (1966-1969). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo, *Anais eletrônicos...* São Paulo: Intercom, 2016, p. 1-16. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3151-1.pdf>. Acessado em: 30 jan. 2023.

BITTENCOURT NETO, L. H.; PERSICHETTI, S. Olímpicos pós-modernos: um rápido olhar sobre as fotografias de celebridades. *Discursos Fotográficos*, [S. l.], v. 6, n. 8, p. 101-118, 2010. DOI: 10.5433/1984-7939.2010v6n8p101. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/5686>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CASTRO, P. C. A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de Veja e IstoÉ nas décadas de 1980 e 1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro, *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: Intercom, 2005, p. 1-16. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31525644888324662420081064433588588489.pdf>. Acessado em: 30 jan. 2023.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 61, 2014.

DIAS, C. J. P. *A trajetória soropositiva de Herbert Daniel (1989-1992)*, 2012. 133 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

FAUSTO NETO, A. *Mortes em Derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e mídia impressa. Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

GOMES, F. R. H; VÁZQUEZ, G. G. H. As Matérias de capa da revista Manchete sobre famosos soropositivos nas décadas de 1980 e 1990. In: COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-UEPG, 2, 2022, Ponta Grossa, *Anais Eletrônicos...* Ponta Grossa: PPGH-UEPG, 2022, p. 184-193. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgh/wp-content/uploads/sites/131/2023/05/Anais-II-Coloquio-rev.pdf>. Acessado em: 10 jul. 2023.

GONÇALVES, J. E.; MUGGIATI, R. *A janela do Russel*. In: GONÇALVES, J. E.; BARROS, J. A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 21-53.

GUARALDO, T. S. B. Mediação Editorial nas cartas de leitores: uma análise do texto instrucional de revistas semanais de informação. *Revista Multiplicidade*, v. 4, n. 4, p. 55-73, 2013.

\_\_\_\_\_. Cartas de leitores como espaços privilegiados de apropriação da informação e dos efeitos de sentido. *Informação & Informação*, v. 25, n. 1, p. 373-404, 2020.

JESUS, J. de. *Carta do leitor: a voz de quem leu*. In: DELL'ISOLA, R. L. P. (Org). *Nos domínios dos Gêneros Textuais*. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 69-74, 2009.

LAURINDO-TEODORESCU, L.; TEIXEIRA, P. R. *Histórias da aids no Brasil*, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015

LIMA, É. C. *A AIDS vira notícia: os discursos sobre a "doença nova" nos periódicos cearenses na década de 1980*. Fortaleza: Editora da UECE, 2021.

MEDEIROS, A. *Carta do Leitor*. In: DELL'ISOLA, R. L. P. (Org). *Nos domínios dos Gêneros Textuais*. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 59-68, 2009.

NASCIMENTO, D. R. do. *As pestes do século XX: tuberculose e aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, G. F. do. *Aconteceu, virou Manchete: notícias da ditadura*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

NUNES, V. S. *Cartas e Carta do Leitor: o que diz a Literatura sobre o Tema*. *Revista Tabuleiro de Letras*, v. 11, n. 02, p. 158-122, dez. 2017.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

SONTAG, S. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TROUCHE, L. M. G. *Cartas do leitor: a construção do ethos como espelho da cidadania*. *Cadernos do CNLF*, v. 14, n. 2, p. 292-704, 2010.

UNAIDS. *Guia de Terminologia do UNAIDS*. 2017. Disponível em: [https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB\\_2018\\_01\\_18\\_GuiaTerminologia\\_UNAIDS.pdf](https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf). Acessado em: 30 jan. 2023.

VÁZQUEZ, G. G. H.; GOMES, F. R. H. Da "doença misteriosa dos homossexuais" à Aids: notas sobre Aids na Revista Manchete – década de 1980. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p.26-45, set./dez. 2021.